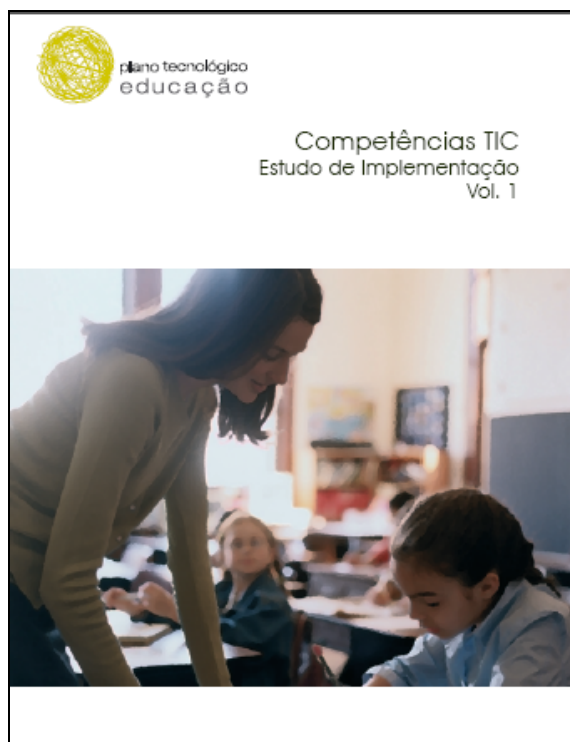


Recensão bibliográfica

Maio de 2009

Costa, F. (Coord.) (2008). *Competências TIC. Estudo de Implementação (Vol. I)*. Lisboa: GEPE/ME



<http://www.escola.gov.pt/docs/CompetenciasTIC-EstudoImplementacaoVoll.pdf>

MARIA ISABEL CANDEIAS

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
icandeias@iec.uminho.pt

Um desafio para um futuro que tem de começar já!

Quando me foi proposta a recensão do documento *Competências TIC - Estudo de Implementação* (<http://www.escola.gov.pt/docs/CompetenciasTIC-EstudoImplementacaoVoll.pdf>) pensei criar uma estratégia em que fosse simples identificar as motivações para a sua leitura, razão primeira da tarefa. Assim, munida do meu computador portátil resultante do programa *e-escola*, inseri, num documento *Word*, uma tabela de dupla entrada e na primeira coluna escrevi um “+” (mais) e na segunda um “–” (menos). Preparada assim com os dois documentos, o que eu pretendia ler em versão *pdf*, e o que continha a tabela para preencher, iniciei a procura das razões que me permitissem mostrar as vantagens de se gastar algum tempo da vida entre as páginas digitais ou impressas do documento atrás referido.

Ao longo do trabalho a coluna encabeçada pelo “+” foi crescendo. A outra manteve-se vazia. Porque é que o documento me agradou tanto? Onde estava o meu espírito crítico, incapaz de encontrar uma frase, uma proposta, uma ideia que não me agradasse, que não me parecesse realista, que não se enquadrasse nos meus princípios, no conhecimento que tinha da escola e das necessidades de desenvolvimento profissional, organizacional e curricular capaz de suportar as aprendizagens dos alunos? É isso que pretendo agora explicar.

O documento *Competências TIC. Estudo de Implementação. Vol.I* apresenta uma proposta de formação e certificação de professores e pessoal não docente no âmbito do Plano Tecnológico da Educação tendo em vista responder aos objectivos de modernização da escola em Portugal para que os agentes educativos usem e tirem partido das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas actividades inerentes aos processos de ensino e de aprendizagem. Tal como é referido pelos autores, o documento pretende apresentar um modelo de formação e certificação de competências em TIC para professores e pessoal não docente de acordo com uma estratégia nacional mais ampla de reforço das qualificações e das competências dos Portugueses para a construção da Sociedade do Conhecimento (p. 9).

No entanto, este documento é muito mais do que a apresentação dessa proposta e a sua consulta torna-se relevante não apenas para os que se interessam pela temática das TIC como recurso de ensino e de aprendizagem mas, também, para os que pretendem conhecer um estudo que é simultaneamente abrangente, actualizado, coerente e objectivo, reunindo informação pertinente e clara capaz de suportar propostas de formação e certificação adequadas à realidade das escolas portuguesas. É assim que se analisam, ao longo do estudo, as condições existentes, em termos do acesso, da motivação e das competências para a utilização das TIC na prática profissional docente e se fazem propostas que pretendem responder às dificuldades e carências apresentadas num plano caracterizado pela coerência e a exequibilidade.

Digo exequibilidade porque, para além de serem identificadas as barreiras que condicionam a utilização das TIC como recurso de aprendizagem a partir da acção pedagógica e didáctica dos professores, apresentam-se propostas para o ultrapassar dessas dificuldades através de planos de formação sustentados em referenciais claros que concordam com os princípios presentes no Currículo Nacional e com as orientações que definem a autonomia organizacional das escolas. Houve, assim, o cuidado de contextualizar cada um dos passos da acção em função da realidade presente, quer em termos das orientações para a construção do currículo, isto é, do que se espera e como se espera que os alunos aprendam, quer do perfil profissional desejado para os professores portugueses. Esse cuidado alargou-

se também à identificação clara do que já existe nas escolas portuguesas e do que é esperado existir, comparando com outros contextos internacionais que já experimentaram condições mais vantajosas em termos dos recursos e dos conhecimentos.

É assumido neste estudo que, para uma real pertença à Sociedade do Conhecimento,

todos os intervenientes da comunidade educativa são, de facto, um factor crítico e decisivo em ordem às ambicionadas mudanças [...] o que, no caso português, terá de passar pela incorporação das TIC como um elemento natural no dia-a-dia da comunidade escolar, na escola, na sala de aula presencial e virtual, nos contextos de ensino-aprendizagem, com o que isso implica ao nível de aquisição e desenvolvimento de competências em tecnologias de informação e comunicação aplicadas à dinamização, acompanhamento e supervisão online, independentemente da função e papel de cada interveniente no processo educativo. (p. 11)

O trabalho aqui referido foi desenvolvido por uma equipa de investigadores de três Universidades Portuguesas (Minho, Aveiro e Lisboa) com o apoio de técnicos diversificados e levou à análise e sistematização de um corpo de conhecimentos oriundos da investigação sobre as problemáticas inerentes às potencialidades e fragilidades das realidades internacional e portuguesa quanto ao uso das TIC por alunos e professores como recurso de aprendizagem. Neste trabalho são também analisadas as situações relativas à formação de professores, às características do Currículo Nacional e às orientações para a avaliação das aprendizagens dos alunos e do desempenho docente.

Ao longo do documento percorre-se um caminho, “concebido a partir de um conjunto articulado e coerente de elementos estruturantes e integradores [...] através de uma metodologia de investigação social aplicada, no sentido que lhe é dado por Cronbach e Suppes (1969) de *conclusion or decision oriented research*, ou de pragmática, na óptica de Knight (2002, p. 203), [...] na de Hammersly (2002) de *research-and-development* ou mesmo na acepção que lhe conferem Verma & Mallick

(1999)” (p. 20). Esse percurso, da forma como é apresentado, permite que o leitor, especialmente se for um professor integrado numa escola em que é valorizado o uso das TIC, compreenda as opções dos investigadores e antecipe as respostas que vão sendo construídas para as questões nucleares de partida:

- Que competências em TIC devem ter os professores e restantes agentes educativos?
- Que estratégias e oportunidades de formação são mais adequadas para que todos os professores e restantes agentes educativos possam adquirir e usar essas competências de forma efectiva?
- Como devem ser organizados os processos de certificação de competências em TIC (ou de reconhecimento e validação das competências previamente adquiridas)?
- Como poderá ser implementado e monitorizado o processo de formação e certificação de competências em TIC? (p. 20)

Para melhor justificar a abrangência, complexidade e actualidade deste estudo, apresento ainda o projecto metodológico que foi seguido, que poderá constituir um quadro orientador para outros projectos de investigação. Assim, o projecto respondeu a quatro fases, assim descritas (pp. 21-23):

1.^a Fase - Clarificação do campo de investigação e recolha de opiniões e práticas através de um mecanismo de auscultação directa, em diferentes momentos do processo, através da aplicação de questionários, por via electrónica, a um painel de especialistas e a ex-alunos dos ensinos básico e secundário e do desenvolvimento de entrevistas em grupo a informantes chave;

2.^a Fase – Construção de um dispositivo de formação e certificação em TIC através de um processo de trabalho interactivo, potenciado pela troca de informação que as TIC permitiram aos diferentes membros da equipa.

3.^a Fase - Organização de um sistema para a implementação do dispositivo que possibilite a consolidação global da proposta;

4.^a Fase - Identificação de recomendações ao nível político, recomendações necessariamente mais abertas e globais e ao nível da prática, recomendações mais detalhadas.

Ao longo do texto o leitor sente-se em diálogo com os autores, lembrando as suas experiências, os desafios a que tem respondido, as barreiras que encontrou e encontra diariamente dentro e fora da sala de aula. Mesmo sem esforço avalia as suas competências em TIC de acordo com o referencial que é proposto e selecciona o caminho formativo em que melhor se enquadra ou em que se enquadra a sua escola.

Quando termina a leitura a pergunta que surge, inevitavelmente, é: “Para quando?” e a esperança é que o futuro seja já!

Foi por tudo isto que a coluna do “menos” ficou vazia.